



A CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira

Manuel Ferro

Coordenação

George Monteiro

Brown University, U. S. A.

O CONHECIMENTO DE EDGAR ALLAN POE SOBRE CAMÕES

Subordinado ao título “Marginalia”, na *United States Magazine and Democratic Review*, em 1844, Edgar Allan Poe incluía o seguinte parágrafo:

“Eis uma edição [Camôens-Génova-1798] que, relativamente à sua perfeição microscópica e absoluta exactidão tipográfica, poderia ser prefaciada pela frase do Corão – “Não existe nenhum erro neste livro.” Não podemos considerar como sendo erro um simples o invertido - pois não? Mas fiquei realmente tão satisfeito por ter encontrado esse o invertido como devem ter ficado um Colombo ou um Arquimédes. O que são afinal continentes descobertos ou ourives denunciados? Dêem-nos antes um o virado ao contrário e uma multidão de Argos bibliomaníacos a quem durante anos passou despercebido.”¹

O que em primeiro lugar se destaca aqui é que ninguém ainda deu provas de ter alguma vez existido uma tal edição como a *Camôens*, publicada em Génova, em 1798. «A “Génova de 1798” de Poe é uma intrujice mistificadora, errada no espaço e no tempo», concluiu Burton Pollin, uma vez que «*não existe nenhuma edição genovesa, publicada por volta de 1798, da grande epopeia de Luís Vaz de Camões.*»². Talvez a referência a Colombo lhe lembrasse a cidade natal (putativo) do grande marinheiro. Mas há mais. Não é óbvio que Poe tivesse conhecimento em primeira mão de *Os Lusíadas* em qualquer edição (no original ou em tradução), embora tenha voltado ao assunto da edição quase perfeita de Camões (identificando-a desta vez com exactidão) num parágrafo sob a rubrica “Supplementary Pinakidia” e publicado na *Southern Literary Messenger* (1848): «*A edição magnífica de Os Lusíadas de Camões, impressa em 1817 por Dom Jose Souza, assistido por Didot, é talvez o mais imaculado espécime de tipografia que existe. No entanto, em alguns dos exemplares foi descoberto um erro ocasionado por uma das letras da palavra Lusitano ter sido mal colocada no momento da feitura de uma página.*»³.

¹ Edgar Allan Poe, “Marginalia”, *United States Magazine and Democratic Review* 15 (Dezembro de 1844): pp. 580-94; Edgar Allan Poe, *The Brevities: Pinakidia, Marginalia, Fifty Suggestions and Other Works*, edição de Burton R. Pollin (New York: Gordian, 1985), p. 178.

² Poe, *The Brevities*, p. 179.

³ Edgar Allan Poe, *Southern Literary Messenger* 14 (Dezembro de 1848), p. 726; Poe, *The Brevities*, p. 452.

Em *Bibliographia Camoniana* (1880), o letrado Teófilo Braga descreve esta edição do seguinte modo: «*Os Lusíadas, Poema epico de Luiz de Camões, uma edição nova e corrigida, apresentada ao público por Dom José Maria de Sousa Botelho, Morgado de Matheus, membro da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Paris, na tipografia de Firmin Didot, Tipógrafo do Rei e do Instituto. MDCCCXVII. 4º Atlântico*»⁴. Nomeia depois todos os colaboradores – desenhadores, gravadores e artistas – que trabalharam neste «*belo monumento tipográfico consagrado à glória dos Lusíadas*». Dos 210 exemplares, 182 foram «distribuídos por bibliotecas e personagens célebres em toda a Europa»⁵.

O conhecimento que Poe possuía da «*célebre edição*» de Souza Botelho parece resultar do ensaio de Isaac Disraeli sobre a “Errata”, no seu livro *Curiosities of Literature*, uma obra bastante conhecida e da qual existiram várias edições.

“Se de facto existe o milagre de uma edição imaculada de um autor clássico, nunca o soube; mas fez-se um esforço para se obter tão gloriosa singularidade e chegou-se tão perto quanto é talvez possível de o conseguir na magnífica edição de *As Lucíadas[sic]* de Camoens, impressa por Dom Joze Souza, em 1817. Este amator não se poupou a prodigalidades de custo e de trabalho, e acreditou que, com a assistência de Didet [sic], nem um único erro tipográfico seria encontrado nesse esplêndido volume. Mais tarde, no entanto, foi descoberto um erro em alguns dos exemplares devido à má colocação de uma das letras da palavra Lusitano durante a feitura uma das páginas. Devemos confessar que se trata de um acidente ou um infortúnio e não um Erratum!”⁶

Burton Pollin obteve a ajuda dos funcionários da Biblioteca do Congresso na tentativa de se verificar o alegado erro na palavra Lusitano, mas em vão. Outros erros foram encontrados – pdoer em vez de poder e aprende em vez de aprende – mas nenhum relacionado com a palavra Lusitano.

Burton Pollin não identifica a fonte de Disraeli, mas é muito provável que a história da imperfeição na edição perfeita da obra de Camões remonte às *Memoirs of Life and Writings of Luis de Camoens*, de John Adamson. Publicada em 1820, esta obra era bem conhecida e de fácil acesso na época de Poe e Disraeli. Adamson escreve o seguinte acerca da edição impressa em 1817, por Dom José Maria de Sousa-Botelho, seu amigo e com quem mantinha contacto frequente: «*Para tornar a edição merecedora do poeta, ele procurou a assistência de M. Didot, esperando que pela conjugada atenção de ambos nem um único erro tipográfico viesse a ser encontrado no volume*»; a isto acrescenta Adamson em nota de rodapé: «*Mais tarde foi descoberto um erro em alguns dos exemplares, cuja causa foi a má colocação de uma das letras da palavra Lusitano durante a feitura de uma das páginas. Dom Joze mandou imprimir de novo esta página e enviou cópias dela às várias*

⁴ Theophilo Braga, *Bibliographia Camoniana* (Lisboa: Christóvão A. Rodrigues, 1880), p. 63.

⁵ *Ibid.*, pp. 63-64.

⁶ *Curiosities of Literature* de I. C. D’Israeli, com *Curiosities of American Literature* de Rufus W. Griswold (New York: Leavitt, Trow, 1849), 23. O erro tipográfico alterando o nome de Didot para Didet nesta edição – um erro que Poe não comete – sugere que se D’Israeli é a fonte de Poe (veja-se a discussão do assunto em *The Brevities*), ele obteve a informação numa outra edição que não é aquela a que recorri.

bibliotecas onde a obra fora depositada.»⁷. Se Poe ou Disraeli tivessem incluído a última frase da nota de rodapé de Adamson, ter-se-ia tornado óbvia para os pesquisadores da Biblioteca do Congresso, que procuraram o erro na palavra Lusitano, a razão por que o não encontraram.

Poe não menciona Adamson. Contudo, qualquer pessoa familiarizada com os dois volumes da sua obra saberia que Camões em várias ocasiões – na lírica e na epopeia – escreve eponimamente sobre uma mulher ou mulheres (genericamente) com o nome de Leonor⁸. Talvez na obra de Adamson tenha Poe encontrado a cantiga em que Leonor lamenta a ausência – possivelmente a perda – do seu amante, começando assim:

“Na fonte está Leonor,
Lavando a talha, e chorando,
Às amigas perguntando:
Vistes lá o meu amor?”⁹

Não parece forçado sugerir que Poe tenha feito derivar as suas várias Leonors das Leonores de Camões – a “Lost Leonor”, cuja ausência é a força catalítica conducente à auto-revelação do sujeito poético em “The Raven”, ou a heroína titular do poema “Lenore” ou (em variante) a heroína da história “Eleanora”. Todavia, foram estas semelhanças – especialmente notórias para os leitores portugueses de Camões - que desencorajaram Fernando Pessoa, tradutor de Poe, de usar o nome dado pelo próprio Poe à sua heroína. De facto, Pessoa preferiu não “traduzir” de forma alguma o nome da heroína de Poe. Em vez de arriscar as ressonâncias culturais inevitáveis, caso mantivesse o nome de Leonor, Pessoa optou por deixar sem nome a heroína de “The Raven”. Os versos do poema de Poe: “*From my books surcease of sorrow - sorrow for the lost Lenore - / Nameless here for evermore,*” seriam assim traduzidos por Pessoa: «*P'ra esquecer [em vão!] a amada, hoje entre hostes celestiaes - / Essa cujo nome sabem as hostes celestiaes, / Mas sem nome aqui jamais!*»¹⁰.

O que sabia Poe da vida de Camões? Da sua leitura da poesia de Elizabeth Barrett Browning, Poe teve conhecimento da história do amor fiel, e por fim carregado de sofrimento, de Camões por Catarina de Ataíde. Ele sabia da história romântica segundo a qual Camões fora enviado da corte de Lisboa para o exílio devido ao seu amor por Catarina e, enquanto cumpria os seus dias no Extremo Oriente, Catarina tinha falecido. Poe não só lera o poema de Elizabeth Barrett sobre esse tema – “Catarina to Camoëns”, inteiramente expresso na voz da heroína à beira da morte – mas também, ao recensar o livro da autora, *Drama of Exile: and other poems*, publicado no *Broadway Journal*, de 4 e 11 de Janeiro de 1845, Edgar Allan Poe considerou “Catarina to Camoëns” entre os poemas dignos de elogio.

⁷ John Adamson, *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*, 2 vols. (London: Longman, Hurst, Rees, Orme e Brown, 1820), 2, pp. 371-72.

⁸ As identificações biográficas e históricas para as várias Leonores na obra de Camões são sugeridas em João Franco Barreto, *Micrologia Camoniana* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Biblioteca Nacional, 1982), pp. 459-60.

⁹ Adamson, *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*, 1, pp. 291.

¹⁰ Fernando Pessoa, “O Corvo”, *Athena* 1 (Outubro de 1924): p. 27.

Poe prestaria igual atenção ao poema de Barrett, “A Vision of Poets”, que inclui versos alusivos a Camões:

“And Camoens, with that look he had,
Compelling India’s Genius sad
From the wave through the Lusiad,
With murmurs of a purple ocean
Indraw in vibrative emotion
Along the verse!”¹¹

O terceiro poema de Elizabeth Barrett Browning referente a Camões, “Lady Geraldine’s Courtship”, merece, todavia, muito mais atenção crítica da parte de Poe, que dele cita vários versos deste poema, incluindo estes:

“Eyes, he said, now throbbing through me! are ye eyes that did undo me?
Shining eyes like antique jewels set in Parian statue-stone!
Underneath that calm white forehead are ye ever burning torrid
O’er the desolate sand desert of my heart and life undone?”¹²

Apesar de pensar que o poema imita o de Tennyson, intitulado “Locksley Hall”, Poe defende-o contra a crítica que lhe foi feita na *Blackwood’s Magazine*. Hoje aceita-se a considerada opinião de Thomas Ollive Mabbott, o editor moderno dos poemas de Poe, de que “incontestavelmente a fonte cardinal da forma estrófica final do poema de Poe “The Raven” é “Lady Geraldine’s Courtship” (1844)”, da autoria de Elizabeth Barrett¹³. A fundamentar esta posição, o editor cita os mesmos versos apontados por Poe, acrescentando-lhes os quatro seguintes que lhes seguem e ainda um quinto verso que surge mais adiante:

“With a rushing stir, uncertain, in the air, the purple curtain
Swelleth in and swelleth out around her motionless pale brows;
While the gliding of the river sends a rippling noise forever

Through the open casement whitened by the moonlight’s slant repose.
.....

Ever, evermore the while in a slow silence she kept smiling...”¹⁴

¹¹ *The Poems of Elizabeth Barrett Browning* (New York: C.S. Francis, 1854) 2, p. 181.

¹² “Edgar Allan Poe: Essays and Reviews”, seleccionados por G.R. Thompson (New York: Library of America, 1984), pp. 128-129. Ênfase dada por Poe.

¹³ *Collected Works of Edgar Allan Poe*, vol.1, “Poems”, edição de Thomas Ollive Mabbott (Cambridge: Harvard Univ. Press, 1969), p. 356. Edward H. Davidson concorda; consulte-se a sua edição de *Selected Writings of Edgar Allan Poe* (Boston: Houghton Mifflin, 1956), 506, nota.

¹⁴ Mabbott, *Collected Works of Edgar Allan Poe*, p. 356.

Em “Lady Geraldine’s Courtship”, Poe achou também, algumas estâncias adiante, os seguintes versos:

“And this morning as I sat alone within the inner chamber
With the great saloon beyond it, lost in pleasant thought serene,
For I had been reading Camoëns, that poem you remember,
Which his lady’s eyes are praised in as the sweetest ever seen.”¹⁵

Não é decerto forçado conceber-se como eminência parda este narrador, descrito no acto de ler Camões em “The Raven”. Nem é de surpreender que, quando *The Raven and Other Poems* foi publicado a 19 de Novembro de 1845, Poe dedicasse a obra a «*À MAIS NOBRE DO SEU SEXO - / À AUTORA DE “O DRAMA DO EXILIO” - / À MISS ELIZABETH BARRETT BARRETT, / DE INGLATERRA / DEDICO ESTE VOLUME, / COM A MAIS ENTUSIASTICA ADMIRA, ÌO / E COM A MAIS SINCERA ESTIMA. / E.A.P.*»¹⁶.

A obra de Viscount, *Lord Strangford, Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens*, encontrava-se à disposição de Poe bem como de Elizabeth Barrett Browning. Embora Poe não mencione Strangford, é pouco provável que não se tenha apercebido dos *Poems, from the Portuguese*, publicados em mais de uma dúzia de edições em ambas as margens do Atlântico – incluindo as edições em Filadélfia, Boston e Baltimore – após a sua estreia em 1803.

O relato altamente romantizado de Strangford sobre a vida de Camões presta considerável atenção ao seu amor por Catarina de Ataíde e à morte dessa jovem e bela mulher. É fácil imaginar o que teria Poe – que em “The Philosophy of Composition” (1846) proclamava que «*a morte de uma bela mulher é incontestavelmente o tópico mais poético do mundo*» – pensado da antecipação por Strangford dessa ideia sua. «*Difícilmente se conceberia um tema mais interessante para as visões de um romance do que a morte deste jovem e amável ser.*»¹⁷ – anuncia Strangford. «*As circunstâncias do seu destino são favoráveis ao exercício da conjectura*», acrescenta Strangford. «*Ela amou e foi amada, todavia, infeliz no seu afecto; foi arrancada ao mundo nos seus tenros vinte anos; e a nós resta adornar a sua campa com algumas das flores selvagens que a imaginação produz. Porém, invejável foi o seu destino se o compararmos ao do seu amado.*»¹⁸. Tais sentimentos teriam impressionado o poeta americano que decidiu também serem «*os lábios mais apropriados a tal tópico [a morte de uma bela mulher] os de um amante amargurado.*»¹⁹. Curiosamente, enquanto “The Raven” e “Catarina to Camoëns” são monólogos da primeira pessoa por amantes amargurados, “Lady Geraldine’s Courtship” – tal como

¹⁵ *The Complete Works of Elizabeth Barrett Browning*, edição de Charlotte Porter e Helen A. Clarke (New York: Thomas Y. Crowell, 1900), 2, p. 296.

¹⁶ Citação em *The Poe Log: A Documentary Life of Edgar Allan Poe, 1809-1849*, compilada por Dwight Thomas e David K. Jackson (Boston: G.K. Hall, 1987), 591.

¹⁷ Davidson, *Selected Writings of Edgar Allan Poe*, 458; Lord Viscount Strangford, *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens* (London: J. Carpenter, 1808), 15-16.

¹⁸ Strangford, *Poems, from the Portuguese*, 15.

¹⁹ Davidson, *Selected Writings of Edgar Allan Poe*, 458.

“The Raven” – é quase na sua totalidade expresso na voz de um homem, amante desiludido (se não angustiado)²⁰.

Até mesmo os protestos de Poe em “The Philosophy of Composition” relativamente ao uso poético do refrão em “The Raven” – a sua decisão de usar um, a determinação de o aplicar de uma forma diferente, a descoberta do princípio da repetição variada – têm todos a marca de Elizabeth Barrett. Em “Catarina to Camões”, Barrett emprega um refrão que varia em três das suas dezanove estâncias.

Ler “The Raven” tendo em conta o conhecimento que o poeta possuía da vida sentimental de Camões através de Elizabeth Barrett – particularmente como esta é apresentada em “Lady Geraldine’s Courtship” e em “Catarina to Camoëns” – não é uma fantasia crítica. Mas há uma forma em que “The Raven” inspira a minha compreensão (admitidamente anacronista) da vida e obra de Camões que é, de facto, imaginativa. No início do seu estudo sobre Camões, Adamson aborda a etimologia do nome de família do poeta, atribuindo-lhe uma explicação curiosa:

“Não fosse o poeta ter mencionado nas suas Redondilhas um certo pássaro - de extraordinária capacidade de discernir a fidelidade amorosa da sua dona, muito celebrada por outros autores - a ideia do apelido de Camões derivar do nome de tal ave poderia ter passado despercebida. Tudo o que pode ser necessário dizer é que o pássaro chamado Camão, que nunca sobreviveu à infidelidade da esposa do seu dono, estará na origem, segundo alguns críticos, do nome dos antepassados do poeta. Os versos que se referem à ave são os seguintes:

Experimentou-se alguá hora
Da Ave que chamão Camão,
Que, se da Casa, onde mora,
Ve adultera, a Senhora,
Morre de pura paixão.”²¹

Um dicionário de meados do século XIX define a palavra camão como «*ave aquatica, maior que a galinha, de bico agudo e penas azues*»²². Noutro lugar, o camão é descrito como «*um tipo de ave com longas pernas vermelhas e bico, que bebe água como se desse bicadas na superficie desta*»²³. O mesmo dicionário identifica o camão como o

²⁰ Elizabeth Barrett e Edgar Allan Poe escreviam para a Graham’s Magazine. Por sinal, o poema “Catarina to Camoëns” foi publicado nesta revista em Outubro de 1843 e o “Philosophy of Composition” em Abril de 1846. Poe escrevia regularmente para a Graham’s, desde o primeiro número da revista em Janeiro de 1841 até 1849.

²¹ Adamson, *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens, 1: 2-3*. Consulte-se Aubrey F.G. Bell que escreve o seguinte: «É provável que o nome tenha sido originalmente *Camaño*. Talvez devido à intensidade de um trecho na lírica de Camões... o seu nome tenha derivado da ave que chamão camão» [*Luis de Camões, Hispanic Notes and Monographs: Portuguese Series* (Oxford: Oxford Univ. Press/Humphrey Milford, 1923), p. 108, n. 5.]

²² *Diccionario Etymologico, Prosodico e Orthographico da Lingua Portugueza*, compilado por J.T. da Silva Bastos (Lisboa: Parreira Antonio Maria Pereira, 1912), p. 263.

²³ *A Dictionary of the English and Portuguese Languages*, compilado por Anthony Vieyra (Lisboa: Roland, 1861), p. 128.

porphyrio latino²⁴. Também o faz Adamson explicando que «o nome mais antigo deste extraordinário pássaro parece ter sido o de *Porphyrio*». Este dado liga o Camões biográfico e a sua lírica quinhentista ao poema de Poe intitulado *The Haunted Palace* (publicado pela primeira vez em 1839 e mais tarde incorporado em *The Fall of the House of Usher*: «*Wanderers in that happy valley / Through two luminous windows saw / Spirits moving musically / To a lute's well-tuned law; / Round about a throne, were sitting / (Porphyrogene!) / In state his glory well befitting, / The ruler of the realm was seen.*»²⁵).

O nexos, na biografia de Camões, do pássaro de camão com adultério está em consonância com a análise de *The Haunted Palace* de Esther Rashkin, confirmando a sua descoberta de que o tema principal de *The Fall of the House of Usher* é a ilegitimidade. «*Deve significar que este 'porphyrogenite' tinha falsamente nascido roxo*», escreve Rashkin, que «*ele não era o filho do rei e que todos os seus descendentes ("Uma hedionda multidão expulsa para sempre") estavam condenados a perpetuar a sua ilegitimidade.*»²⁶. Coincidentemente, as observações de Adamson sobre a etimologia do nome de Camões sugerem igualmente uma ligação com o mais famoso poema de Poe, “The Raven” (1845), talvez através do poema de Robert Browning, de 1836, “Porphyria’s Lover”, tratando-se mais uma vez de um poema acerca da morte – desta vez do homicídio – de uma jovem e bela mulher. Cada um de sua maneira, estes poetas – Camões (especialmente nas versões de Strangford), Robert Browning e Poe – incidem em tramas tecidas pelo tormento das paixões de amor, perda, traição e morte²⁷.

Mas há ainda uma peça final no puzzle relacionado com o conhecimento que Poe tinha de Camões. Há um paralelo entre a figura que surge no final da *Narrative of Arthur Gordon Pym, of Nantucket* e a figura no “Canto V” de *Os Lusíadas*²⁸. Lembremos que à medida que a escuridão avança, Pym e Peters tentam desesperadamente navegar nas águas perigosas do sul. O narrador constrói uma última entrada no diário de bordo, no dia 22 de Março, terminando abruptamente com as três frases seguintes: «*E nesse momento avançámos tumultuosamente em direcção à catarata envolvente, onde um abismo se abria à nossa espera. Mas eis que no nosso caminho surgiu uma figura humana coberta*

²⁴ *Ibid.*, Informação confirmada no *Diccionario Latim-Portuguez*, 14^a. edição (Lisboa: Paulo de Azevedo, n.d.), p. 609.

²⁵ Davidson, *Selected Writings of Edgar Allan Poe*, p. 103. Floyd Stovall parafraseia “Porphyrogene” com o título de “Born to the Purple”. *Eight American Writers: An Anthology of American Literature*, edição de Norman Foerster e Robert P. Falk (New York: W.W.Norton, 1963), p. 64, n.1.

²⁶ Esther Rashkin, *Family Secrets and the Psychoanalysis of Narrative* (Princeton: Princeton Univ. Press, 1992), pp. 129-130.

²⁷ Elizabeth Barrett, que talvez descobrisse em “Porphyria’s Lover”, de Robert Browning, uma fonte de influência para o poema de Poe, pensou que tivesse reconhecido “madness” nas palavras do orador de Poe. Elizabeth Barrett escrevia a um amigo, a 12 de Maio de 1845, o seguinte: «*Quanto ao 'Raven' diz-me o que declararás a seu respeito! Há certamente um poder - mas não me parece que seja a expressão natural de um intelecto são seja qual for o seu estado de espírito; penso que isto deve ser descrito no título do poema. Há algo de fantástico no uso do 'sir ou madam', e em coisas no género, o que é absurdo, a não ser que uma loucura específica o justifique. Ele, o autor, provavelmente queria que fosse assim lido no poema e essa deve ter sido a sua intenção.*» (Citado no “The Poe Log”, p. 531.)

²⁸ Publicados em 1837 em diferentes partes na *Southern Literary Messenger*, a revista onde aparecem pela primeira vez referências de Poe a Camões e a *Os Lusíadas*. Arthur Gordon Pym é lançada pela Harper and Brothers, de Nova Iorque, em 1838.

por um manto, muito maior em tamanho do que qualquer habitante entre os homens. E o seu tom de pele tinha a perfeita brancura da neve.»²⁹.

Se ainda se não especulou sobre a origem da concepção desta figura final de Poe, ameaçadora e intimidativa, mais do que humana, de pele branca, enquanto extensiva a Camões, parece óbvio ao leitor de *Os Lusíadas* que a fonte de Poe é a epopeia portuguesa³⁰. Esta «figura humana envolta num manto» deriva de Adamastor que no “Canto V” da epopeia de Camões confronta os marinheiros portugueses no momento em que lutam desesperadamente para passar o Cabo do «mundo Antártico»³¹ do monstro.

“Não acabava, quando ua figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto caregado, a barba esquelada,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida [...]”³²

Esta descrição de Adamastor, «o gigante brutal que amedronta os homens pela sua repugnante aparência»³³, é-nos dada por dois dos principais tradutores em inglês de *Os Lusíadas* (anteriores ao século XIX) em tropos e linguagem que antecipam a descrição de Poe da sua própria figura temerosa. Esta é a imagem vívida oferecida por Richard Fanshawe em 1655:

“I had not ended, when a humane Feature
Appear'd to us ith' Ayre, Robustious, ralli'd
Of Heterogeneal parts, of boundless Stature,
A Clowd in's Face, a Beard prolix and squallid:
Cave-Eyes, a gesture that betray'd ill nature,
And a worse mood, a clay complexion pallid [...]”³⁴

Mas mais próxima da descrição de Poe em *Arthur Gordon Pym* é a versão de William Julius Mickle, de 1776:

²⁹ Edgar Allan Poe, “The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket” em Davidson, *Selected Writings of Edgar Allan Poe*, p. 405.

³⁰ Para um resumo da especulação em redor da fonte de Poe para a criação desta figura, consulte-se *Collected Writings of Edgar Allan Poe, vol. 1*, “The Imaginary Voyages”, edição de Burton R. Pollin (Boston: Twayne, 1981), pp. 356-59. Recentemente J. Lasley Dameron especula que a fonte de Poe foi o *Journal of a Voyage to the Northern Whale-Fishery: Including Researches and Discoveries on the Eastern Coast of West Greenland* (1823) de William Scoresby Jr. Consulte-se “Pym’s Polar Episode: Conclusion or Beginning?” em *Poe’s Pym: Critical Explorations*, edição de Richard Kopley (Durham and London: Duke Univ. Press, 1992), pp. 33-34, pp. 283-84.

³¹ C.M. Bowra, *From Virgil to Milton* (London: Macmillan, 1945), p. 186.

³² Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de Frank Pierce (Oxford: Clarendon Press, 1973), p. 118.

³³ Bowra, *From Virgil to Milton*, p. 123.

³⁴ Richard Fanshawe, *The Lusíadas in Sir Richard Fanshawe’s Translation*, edição de Geoffrey Bullough (London: Centaur, 1963), 186.

“Appall’d we saw an hideous Phantom glare;
High and enormous o’er the flood he tower’d,
And thwart our way with sullen aspect lour’d:
An earthy paleness o’er his cheeks was spread,

Erect uprose his hairs of wither’d red;
Writhing to speak his sable lips disclose,
Sharp and disjoint his gnashing teeth’s blue rows;
His haggard beard flow’d quivering on the wind [...]”³⁵

Voltaire comentara o episódio do Adamastor no período que medeia entre a tradução de Fanshawe e a de Mickle. Em 1729, escrevia ele no seu trabalho intitulado *An Essay on Epic Poetry* (publicado pela primeira vez em Londres, em inglês): «Quando a Armada navega à Vista do Cabo da Boa Esperança, então chamado o das Tormentas, depara-se-lhe uma Forma Imponente caminhando das Profundezas do Oceano; a Cabeça alcança as Nuvens e à sua volta giram as Intempéries, os Ventos, os Trovões e os Relâmpagos; os Braços estendem-se até às Vagas. É a Guardiã daquele Desconhecido Oceano nunca dantes navegado.»³⁶.

Mickle corroborando «Voltaire e os Críticos estrangeiros», afirma «que a ficção da aparição do Cabo das Tormentas se conserva inultrapassada por qualquer outra composição humana em sublimidade e terrível grandeza de imaginação.»³⁷.

Em palavras que se aplicam também à temerosa figura em *Pym*, escreve C.M. Bowra acerca de Adamastor: «o fantasma sinistro e repugnante é um símbolo adequado do horror que bem pode acometer aqueles que invadem as águas nunca dantes navegadas»³⁸. Este elo entre *Pym* e *Os Lusíadas* sugere que o conhecimento de Poe sobre Camões era maior do que se pode imaginar, estendendo-se talvez ao modo como este autor, escrevendo antes de *Moby-Dick* (1851), trata as paisagens marítimas e as tempestades nesta sua mais longa narrativa, *Arthur Gordon Pym of Nantucket*.

³⁵ *The Lusiad; or The Discovery of India*. An Epic Poem Translated from the Original Portuguese of Luis de Camoens por William Julius Mickle (Oxford: Jackson and Lister, 1776).

³⁶ Voltaire, “An Essay on Epic Poetry”, em Florence Donnell White, *Voltaire’s Essay on Epic Poetry: A Study and an Edition* (1915) (New York: Phaeton, 1970), pp. 108-9. A versão inglesa de Voltaire foi publicada em 1727, um ano antes da sua publicação em francês sob o título *Essai sur la poésie épique*. Kenneth Silverman interpreta a obra *Zadig*, de Voltaire, como um possível modelo para o conto raciocinativo subordinado ao título “The Murders in the Rue Morgue” (Edgar A. Poe: Mournful and Never-Ending Remembrance [New York: Harper Collins, 1991], 171).

³⁷ Mickle, *Lusiad*, 206, nota.

³⁸ Bowra, *From Virgil to Milton*, p. 126. Mencione-se também que a descrição do Atlas de Joel Barlow, em *The Columbiad*, se encontrava à disposição de Poe.